



“DEUSA” AFRICANA: A (DES) HUMANIDADE REVELADA

AFRICAN “GODDESS”: THE (INH) HUMANITY REVEALED

“DÉESSE” AFRICAINE: LA (DES) HUMANITÉ A RÉVÉLÉ

“DIOSA” AFRICANA: A (DES) HUMANIDAD REVELADA

Egor Vasco Borges¹

KECHICHE, Abdellatif. *Venus negra*. [Filme-vídeo]. Produção de Nathanael Karmitz direção de Abdellatif Kechiche. 1 DVD VHS/NTSC, 166 min. color. Son. Paris, 2011.

Durante vários séculos a colonização trouxe consigo ideologias ou formas de ver o mundo que alimentaram diversas perspectivas populares, mitológicas, teórico científicas da inferiorização do negro em varias dimensões. No contexto acadêmico as ciências médicas e igualmente a antropologia (antroponometria) legitimaram tais discursos por meio da cientificização do negro. O negro como objeto de estudo alimentou durante vários séculos e, ainda hoje, há permanência dessa visão estereotipada sobre determinados grupos étnico-raciais em diversas partes do mundo. Como já nos referimos inúmeros pensadores europeus, sobretudo antropólogos e médicos, sustentaram seus argumentos em torno de binômios bárbaro (negro) e civilizado (branco) classificando-os ao ponto de autolegitimarem-se com capacidades superiores as demais espécies, animais ou raças. O negro e os demais povos considerados inferiores ou espécie animal diferente da humana tem sido marginalizados culturalmente desprestigiando todos os seus saberes como irracionais, senso comum ou primitivos.

O filme *Venus negra* se enquadra nessa lógica da propagação desse discurso que determina práticas racistas. Ele expressa de forma realista um retrato da trajetória do pensamento europeu do século XIX em torno do negro e, especificamente, em torno do corpo feminino negro como objeto de trocas comerciais (mercadoria), de inúmeros fetiches

¹ Bolsista CAPES PEC-PG, Doutorando em Ciências Sociais na UNESP - FFC de Marília, Mestre em Sociologia, contato: egorborges@hotmail.com



e apetências sexuais condicionando e disciplinado os olhares eróticos e sensualizantes e principalmente como algo estranho a ser entendido a luz dos saberes científicos.

Centrado em fatos e experiências vividas por uma Sul africana que tanto almejava ser uma atração artístico-cultural na sociedade Inglesa e Francesa. Fraudulentamente, é atraída pelo seu produtor-branco a migrar de seu país para essa espinhosa aventura deixando para trás seu povo, seus filhos entre outros. De salientar que, equivocadamente era considerada da etnia *Khoisan*² assemelhando-se muito a ideia muito genérica de que se tem da África como algo uno. Quatro momentos são cruciais para entender o papel e significado que o corpo da Saartjie toma nesse transito entre os espaços circenses, clubes noturnos, centros de pesquisa médica e museus.

Um primeiro momento se apresentava em jaula, com a cólera apertada ao pescoço como se de um animal selvagem se tratasse. Homens, mulheres e crianças ditos civilizados se divertiam com a tortura física e mental do outro revelando sua humanidade. A dor da mulher negra torturada, publicamente, não comovia a ninguém ao ponto de se considerar um programa tão divertido e prazeroso de inúmeros espectadores do bairro popular londrino. Aqui os discursos sobre o racismo são interiorizados pelas classes populares ao ponto de se naturalizar tudo o que observam durante o roteiro da violência espetacularizada. Se para o público era mera representação ficcional para Saartjie era tão real e doloroso.

Sem ninguém para a consolar e num país distante se torna principal atração dos *freak shows* na periferia de Londres. Com as apresentações sempre lotadas vê-se praticamente reduzida a um animal selvagem de circo, em processo de domesticação, e de forma violenta é exposta ou exibida para esse público, entre homens e mulheres, na mais próxima concepção estereotipada do ser africano ou negro confirmando assim todo entendimento de quem a assistia e contrastando-se as características do padrão normal e aceitável da beleza da mulher branca europeia. O uso da violência, sempre presente, enchia de orgulho ao homem branco europeu e, implicitamente, seu comportamento se justifica na

² Povo africano que resultou da fusão dos *Khoi-Khoi* e os SAN não se refere a uma etnia específica, mas sim a um grupo mais amplo do qual contem diversas etnias que interagem majoritariamente por signos comuns a semelhança dos *Bantu* que é a base de parte significativa das etnias do continente africano. Os Khoisan na Africa do Sul em particular se ligam as etnias *Zulus* e *Txozas* e provavelmente a Saartja seja originaria de uma dessas etnias.



ideia de que era necessário levar a civilidade e a razão ao homem bárbaro a qualquer custo, pois é a única possibilidade de transformá-lo em indivíduo partindo do pressuposto universalista de que a cultura europeia é a referência de civilização – a norma – e as restantes os incivilizados.

Esta cena evidencia que a separação entre civilização e barbárie é bem tênue e que não dá para demarcá-las geográfica ou, simplesmente, por traços fenotípicos dos indivíduos e dos povos. O Norbert Elias na sua empreitada de esboçar a teoria dos processos civilizatórios por meio da sociogênese dos estados europeus bem como da psicogênese do comportamento dos seus povos desde a idade média adverte que o modo civilizado ocidental pode não ser o melhor de todos outros humanamente existentes.

A transição para o segundo momento é marcada pelo julgamento decorrente de uma denúncia de maltratos. Sob tutela do homem branco europeu mantém certa indiferença sobre o reconhecimento de seus direitos e liberdades e diante de juízes vê-se impelida a fazer um depoimento em seu desfavor, descartando todas as possibilidades de levar uma vida aparentemente livre. A liberdade poderia significar uma nova sujeição, precarização de suas mínimas condições de vida (um lugar para morar, entre outros) bem como se distanciar da metrópole espaço que na perspectiva de Fanon (2008) representa para o colonizado uma espécie de Tabernáculo ou ainda uma forma de salvação do retorno ao seu mundo amplamente marcado por imensas dificuldades.

Num segundo momento se refere a sua mudança de cidade, de país e de seu agente após o julgamento e é antecedido de um batismo. Suas apresentações são orientadas para outro tipo de público e em lugares menos populares e embora com o mesmo perfil de animalidade e conduzido sob a cólera ao pescoço a sensualidade se torna o cerne principal das atrações nos espaços de lazer noturno franceses predominado por mulheres e homens de status relativamente elevado em relação a Londres. Apesar de curtíssimas demonstrações de seu talento em ambos os países sua arte e seus saberes artístico-culturais são completamente marginalizados remetendo-nos a ideia de que o subalterno não pode falar e que sua cultura é inútil fruto da irreflexividade o que a conduz, desde o início, ao alcoolismo por conta de suas expectativas frustradas.



As apresentações são completamente de cunho erótico sadomasoquista alimentando fetiches e fantasias sexuais dos que frequentavam esses espaços e principalmente as curiosidades sobre suas genitálias. As mulheres se dirigem a ela gentilmente reforçando a linguagem com mímica e gestos servindo-a mais bebida e questionando sobre seu país e a preferência das cidades metrópoles. Uma autêntica infantilização do negro que ainda esta na menoridade e não tem como compreender a língua do europeu a semelhança do *petit nègre*. Propõem até a ensiná-la a dança francesa e não se propõem a aprender alguma coisa dela como se ela não tivesse cultura.

Ao mesmo tempo em que se inferiorizava a Saartjie se constituía o lugar social dela como subalterna se destacava a dominação como a posição do homem branco, civilizado e detentor da razão. Apesar da sua posição subalterna ser partilhada com as mulheres brancas, tão logo se torna nítido o distanciamento de direitos, deveres e lutas entre ambas ou seja a luta pela sua emancipação como mulher e simultaneamente negra esta para além do homem branco e que suas formas de aprisionamento e exploração são contextual e completamente diferentes.

Terceiro momento do filme centra-se na sua transição dos espaços populares para um meio mais confinado a elite intelectual em que os cientistas da academia francesa de medicina se interessam por ela como objeto de pesquisa e como sendo algo de uma característica peculiar pronta a trazer novas descobertas e inovações a ciência diferentemente de outras abordagem de autores da medicina que olhavam para o corpo negro como meramente patológico e problema de saúde pública passível de um extermínio e de políticas higienistas nas grandes metrópoles. Aqui seu corpo é plenamente admirado parte a parte com algum destaque para o seu avental³. Como se observa ao longo do filme seu pudor é ignorado e sua intimidade publicizada. Seu corpo nunca a pertenceu e é vendido mesmo depois de morta. O interesse dos cientistas é apresentar um catalogo sobre a anatomia do corpo dela uma descrição minuciosa dos órgãos. Mesmo com tanta minuciosidade a medicina da época não conseguiu diagnosticar a infecção que a levaria a morte. Inicialmente, para seus proprietários ou agentes o interesse pela academia possibilitaria uma fama maior e viam nisso uma oportunidade para patentear seu produto

³ Em língua *Emakhua* (Moçambique) se chama *Matunas* e faz parte dos ritos de iniciação feminino do norte de Moçambique e principalmente nas etnias Makhua, Lomwè, Makhonde e Mwuani.



como uma espécie rara ou verdadeira hotentote e com o selo de qualidade da academia francesa agregariam mais valor ao seu produto. Infeccionada vem a perder a vida e mesmo assim é vendido ao museu do homem que faz sua múmia e conserva seus órgãos em determinados recipientes para depois exibi-los em outros shows propiciados pela academia.

O ultimo momento se refere ao pedido formulado pelo seu país (África do Sul) de seus restos mortais que nos remete a pensar na ausência de uma mudança nas relações internacionais entre as metrópoles e as ex-colônias. Cerca de 8 anos após o pedido formulado é que o corpo foi devolvido para seu país para ser enterrado condignamente uma vez que os órgãos ainda eram propriedade do museu do homem em Paris. O berço da civilização e da declaração “universal” dos direitos humanos conviveu com indiferença tamanha barbaridade até início do século XXI e somente mediante formalismos devolveu o corpo esquartejado e sem ao menos se cogitar uma responsabilização moral por essa pratica. Neste ato se revelam, novamente, as desigualdades imperiais no cenário das relações internacionais entre o norte e o sul e os últimos quase sempre obedientes e sem muita capacidade de se impor mesmo diante de injustiças e atrocidades visíveis ao olho nu.

Num mundo em que a força desumanizante da ciência ocidental se impôs o descaso ou descompromisso com a dignidade humana tem sido uma pratica reiterada há longos anos. Uma prova plena de que mesmo em pleno sec.XXI a ciência ocidental não se atentou a autocrítica apesar da tão propalada modernidade reflexiva e, infelizmente, as vitimas crescem cada vez mais no continente africano e na Ásia uns enclausurados a guerras étnicas fabricadas pelo exterior, outros sujeitos a testes de vacinas de laboratórios. Quase sempre presos à tutela dos países imperiais a subalternidade se demonstra eterna diante de uma emancipação permanentemente adiada que coloca em terra a dimensão temporal do pós-colonialismo. O norte desta vez acompanhado com o sul disputam sua insaciável sede pelo empobrecimento cultural dos países africanos para em nome do desenvolvimento retirar as riquezas do subsolo em beneficio próprio. É esta humanidade revelada que nos permite indagar para quando uma ciência contra-hegemonica capaz de devolver a dignidades dos povos subalternos e dos seres humanos e produzir saberes humanizantes e humanizadores. Os negros, as mulheres, índios quando saíram das margens e se tornarem sujeitos de seus destinos?

REFERENCIAS

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Editora: EDUFBA. Salvador: 2008 (1952).

KECHICHE, Abdellatif. *Venus negra*. [Filme-vídeo]. Produção de Nathanael Karmitz direção de Abdellatif Kechiche. 1 DVD VHS/NTSC, 166 min. color. Son. Paris, 2011.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma historia dos costumes*. Volume I. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

Recebido em julho de 2015
Aprovado em setembro de 2015